

*Trapos:
seis contos desinfantis
e uma noveleta cigana*

*Trapos:
seis contos desinfantis
e uma noveleta cigana*

Maria Isolina de Castro Soares*

É sempre¹ uma renovada satisfação ler **Adilson Vilça**. Seus contos se assemelham aos “fiapos de sonhos e guloseimas encantadas” que, semeadas pelas harpias que nasceram dos ovos chocados pelas mãos febris do menino que passava o dia à espera da noite para sonhar com Teresa, logo se transformam em sanguessugas, nos lançando do belo ao trágico, como se fôssemos joguetes de estranhas forças, tão bem manipuladas em seus textos.

E percorre-nos uma sensação de insegurança, de incerteza, de hesitação quando nos deparamos com os acontecimentos insólitos narrados por **Adilson Vilça**. O mundo está de cabeça para baixo? As leis naturais já não o explicam? Ou somos nós que perdemos o sentido do que é e do que não é real? Não temos respostas. Ficamos

* Graduada em Letras pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Atualmente é doutora em Letras pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes).

¹ SOARES, Maria Isolina de Castro. *Trapos* [Orelha do livro]. In: VILÇA, Adilson. *Trapos*. Vitória: Ímã, 1992.

paralisados nessa linha divisória entre a realidade e o sonho. E é isto que nos propicia o momento exato do fantástico. E, como leitores, perfeitamente identificados com a personagem-narrador(a) de cada conto, perpassa-nos um profundo medo do existir, aliado à sensação de efemeridade da vida. Talvez aí esteja a razão do não-existir dos seres que povoam suas obras e da necessidade do fogo purificador – **Queimem tudo! Queimem tudo! – (Quando eu era beija-flor e O menino mais velho do mundo)**.

Interessante é observar que tempo e tempo se misturam, criando um momento mágico que num átimo se povoa de seres extraordinários. Quando nos perguntamos de onde surgem esses seres – anjos ou demônios – e não encontramos resposta, tudo nos parece um sonho, algo inconcebível para nossos olhos acostumados ao desvelamento do plausível. Mas... se continuarmos nos interrogando... perceberemos que a própria vida é uma incógnita para nós. Qual o limite do possível? Onde começa o impossível?

E assim vamos percorrendo seus **Contos Desinfantis**, nos “assombrodeliciando” com o menino que nos revela pormenores de sua primeira morte; com o que repete insistentemente – “sou apenas uma criança” – e se vê imbuído de responsabilidade de chefe de família ao ter que ir sozinho ao velório e enterro do pai; com a avó-menina que invoca os beija-flores e cataloga “a variedade infindável de criaturas do sobrenatural” que rondam o povoado em que mora; com o menino-dragão, criatura que, segundo o ditador, seria mais facilmente explicável do que os fascistas, os comunistas, os anarquistas e outras criaturas mais; com o menino que não conseguia dormir, pois suas noites eram povoadas por aranhas cabeludas, camelos suados e eloendros; e, finalmente, com a menina que sonha com o mundo circense ao toque do arauto da tourada e é lançada “no ruminante mundo da selvageria humana” e que, após revelações desconcertantes, transforma em serpente qualquer flauta que fosse “picada” por seu sopro.

Desses contos, passamos à novela que dá título ao volume – **Trapos** – e de novo nos deparamos com o maravilhoso que permeia a obra de **Adilson Vilaça**. A novela é um estranho hino de amor, um transversal cântico à fraternidade, numa narrativa mítica que enlaça a cultura cigana e o surgimento de Ecoporanga num mesmo elo, no qual os fatos se sucedem de forma surpreendente.

Que dizer mais? Admiradora da obra de Adilson Vilaça desde que conheci **A possível fuga de Ana dos Arcos**, estou certa de que sua obra despertará a atenção daqueles que se encantam com o fluir da imaginação na arte literária. E suas mentes se povoarão de seres tão estranhos e inquietantes quanto é estranha e inquietante a aventura de viver.



Capa e contracapa em que consta a orelha do livro de Adilson Vilaça, *Trapos*, assinada por Maria Isolina de Castro Soares.